

A INSERÇÃO DO BRASIL NA GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA
E A DINÂMICA INDUSTRIAL LOCAL

*THE INSERTION OF BRAZIL IN THE LOCAL INDUSTRIAL
ECONOMICAL GLOBALIZATION AND DYNAMICS*

Paulo Fernando Cirino MOURÃO⁸⁸

RESUMO: A globalização neste final de século coloca em marcha um processo de reestruturação das economias nacionais, alterando o modelo de industrialização por substituição de importações no Brasil. O objetivo deste texto é analisar o alcance e a forma que este processo está assumindo na região de Marília, uma cidade média localizada no Oeste paulista. Parte-se da proposição de Milton Santos sobre a necessidade de se empreender um conhecimento sistemático da realidade a partir da análise do território, contemplando sua instância mundial, mas também a local, de forma que a análise geográfica consiga captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas de um território, associando a nova dinâmica as condições preexistentes.

UNITERMOS

Globalização, teoria dos ciclos, substituição de importações, descentralização industrial, formação social, território, flexibilidade.

ABSTRACT

The globalização at this end of century starts the

⁸⁸ Professor de Geografia da Faculdade de Ciências Humanas da UNIMAR e Mestre em Geografia pela UNESP- Campus de Presidente Prudente.

reestructurattion process of national economy changing the industrialization model through Brazil's import substitution. The main object of this text is to analyze the overtaking and the form that this process is taking in the region of Marília, SP, Brazil. We departed from Milton Santos proposition on the need of engage a systematic knowledge of the reality departing from the analysis of the territory, considering its world, but also local instance, in order the geographical analysis can attract the mood like the same way to produce accomplishes itself in specific parts of a territory, associating the new dynamics to the pre-existents conditions.

UNITERMS

Globalization, cycle theories, import substitution, industrial uncentralization, social formation, territory, flexibility.

INTRODUÇÃO.

Os tempos atuais de globalização econômica e nova revolução industrial colocam para o Brasil, a necessidade de uma nova inserção no mercado global, com o esgotamento do modelo de industrialização por substituição de importações, que vai implicar em um processo de reordenação espacial da indústria, em escala mundial, mas também regional e local.

O aumento da concorrência internacional, entre os capitalistas exige uma maior competitividade por parte das empresas, que passam a reduzir custos e buscar o aumento da produtividade. Entre as alterações na organização da produção daí decorrentes, pode-se destacar o crescimento dos chamados métodos de produção flexível, que assumem diversas formas nas relações entre as empresas, no interior das mesmas, e na relação capital-trabalho.

Dentro desse contexto, são relevantes os trabalhos de Milton Santos (1992,1994), sobre a necessidade de se empreender um conhecimento sistemático da realidade, a partir da análise do território, contemplando sua instância mundial, mas também a local, de forma que a análise geográfica consiga captar a maneira

como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas de um território, associando a nova dinâmica às condições preexistentes.

A partir daí podem-se tirar dois eixos de análise, importantes para nortear o trabalho. Em primeiro lugar, que é possível analisarem-se os impactos da globalização sobre um território local. Em segundo, que a análise geográfica pode assumir, nos tempos atuais, um papel importante, desde que consiga renovar sua agenda temática e, principalmente, seus fundamentos e princípios, que devem incorporar as novas realidades do mundo atual.

Pretende-se, nesse trabalho, fazer algumas reflexões sobre o alcance e a forma específica que esses processos de reestruturação industrial estão assumindo na região de Marília, uma cidade média (200 mil habitantes), localizada no Oeste Paulista, buscando entender como a nova dinâmica se associa às condições preexistentes, à história do lugar. A ênfase que se pretende dar está no comportamento geográfico local das transformações na atividade econômica; com isso, pensa-se estar contribuindo para a renovação da Geografia Econômica, no sentido de torná-la um instrumento relevante de análise do mundo atual.

FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL BRASILEIRA⁸⁹ E GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA

O desenvolvimento econômico brasileiro passa, a partir de 1930, a ser comandado pela economia industrial. Segundo Rangel, o Brasil chega, no início da década de 30, com todas as condições para o desenvolvimento do capitalismo industrial,

⁸⁹ O conceito de formação sócio-espacial foi desenvolvido por SANTOS, Milton. “A Formação Social como teoria e como método”. In: *Boletim Paulista de Geografia*. n.º 54, jun/1977. p. 81-97. Partindo do conceito marxista de formação econômico-social, o autor mostra como as diferentes formas técnicas e organizacionais do processo produtivo, que correspondem às diversas relações de produção existentes, tornam-se concretos sobre uma base territorial determinada, não podendo ser concebidas sem referência à noção de espaço.

pois a anterior expansão da agricultura de exportação havia estruturado um mercado interno para bens de consumo, com um capital comercial plenamente desenvolvido, uma infraestrutura econômica e a apresentação de alguma experiência industrial, principalmente nos ramos têxtil e de alimentos. Com a industrialização, criava-se um centro dinâmico interno no país, capaz de produzir seus próprios ciclos de desenvolvimento econômico, de forma diferente e relativamente independentes dos ciclos longos, que tinham sua origem no centro dinâmico da economia mundial.⁹⁰

Como mostra Mamigonian: “A industrialização deu origem a um vigoroso modo de produção capitalista no interior da economia agro-exportadora com forte setor natural, que, desde a década de 20, gerava seus próprios ciclos médios, com fase expansiva seguida de fase recessiva. Tais ciclos levavam à expansão industrial dos investimentos, que se tornavam ociosos nos momentos de insuficiência do consumo. A capacidade ociosa recém-instalada constituía poupança potencial que podia dispensar a poupança externa para a retomada do desenvolvimento econômico do ciclo seguinte.”⁹¹

A análise do processo de industrialização, baseada na teoria dos ciclos, permite uma melhor compreensão das etapas sucessivas de substituição de importações, que caracterizam a industrialização brasileira.⁹² Essas etapas ocorreram escalonadamente, setor após setor, começando pelas indústrias leves, produtoras de bens de consumo não duráveis. Cada etapa visava o atendimento da demanda de um grupo de produtos específicos, sendo importante

⁹⁰ A teoria dos ciclos médios aplicada à análise da Formação Social brasileira foi desenvolvida por Ignácio Rangel. O ponto de partida do esquema explicativo foi a constatação de que o sistema mundial capitalista vive fases de expansão e fases de depressão, isto é, cresce em ciclos de longa duração (ou Kondratieff de cinquenta anos) e os médios (julgaríamos de dez anos, com período de expansão e de ociosidade). RANGEL, Ignácio. *Economia, milagre e antimilagre*. Rio de Janeiro : Zahar, 1985. p. 19-23.

⁹¹ MAMIGONIAN, Armen. “Teorias sobre a industrialização brasileira e latino americana”. In: *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*. São Paulo-Rio de Janeiro : Hucitec, 1995. p.73.

para o seu dinamismo, a criação de condições jurídico-institucionais novas por parte do Estado brasileiro. Ressalta-se, aqui o papel do Estado que podia traçar políticas que direcionavam o esforço da industrialização para certas áreas do sistema econômico, ao mesmo tempo em que inibia essa mesma industrialização em outras áreas da economia. A criação das condições favoráveis à expansão de cada setor da produção industrial, permitiu uma constante retomada do crescimento econômico.

Pode-se reconhecer aqui algumas características fundamentais do desenvolvimento econômico brasileiro. O modelo de industrialização permitiu a expansão interna, mesmo em condições externas desfavoráveis. Ao mesmo tempo, como cada etapa visava ao atendimento de um grupo de produtos específicos, não era necessária a formação de um amplo mercado de consumo. Criou-se, assim, um parque industrial numa estrutura social marcada pela exclusão, com grande parte da população possuindo um baixo poder aquisitivo.⁹³ Na dimensão espacial, promoveu uma industrialização extremamente concentrada na Região Sudeste, com a capital paulista tornando-se o maior centro industrial do país.

No final da década de 60, começam os indícios de uma crise na produção de massa do fordismo, uma crise na economia capitalista mundial. Para a retomada do processo de acumulação e saída da crise, o caminho trilhado pelos países centrais passa pela realização de uma nova revolução tecnológica e uma alteração

⁹² Idem. p. 66. Este autor discute três linhas de interpretação teórica do desenvolvimento econômico brasileiro: 1) a teoria da Cepal, que popularizou a expressão “industrialização por substituições de importações”; 2) a teoria da dependência, que enfatizou a subordinação da industrialização brasileira aos interesses do centro do sistema capitalista; 3) a teoria dos ciclos econômicos, com grande aceitação recente, que reconhece o enorme dinamismo do processo de acumulação capitalista brasileiro.

⁹³ A teoria dos ciclos econômicos me parece fornecer uma explicação mais consistente para esse fato do que a apresentada por LIPIETZ, Alain. *Miragens e Milagres*. São Paulo : Nobel, 1988. p. 92-6. Esse autor chamou esse modelo de industrialização de “fordismo periférico”, dizendo que se tratava da implantação de modernas forças de produção sem relações sociais que lhes fossem compatíveis.

dos conteúdos organizacionais, ao nível da produção e das relações capital-trabalho.⁹⁴

Entra-se num período de grandes transformações económicas, sociais, políticas e espaciais, onde as novas tecnologias permitem uma mundialização da produção e dos produtos, dos investimentos e um maior fluxo internacional de pessoas, além de transformar o espaço habitado, num meio-técnico-científico, que possui um sistema técnico hegemónico, embora não implantado igualmente e, ao mesmo tempo, em todos os lugares.⁹⁵

A inserção do Brasil nesse novo contexto mundial será alterada, bem como o papel do Estado como promotor do desenvolvimento industrial dentro das fronteiras nacionais. Nessa perspectiva, vários autores, como Rattner, apontam as corporações transnacionais como os grandes agentes desta fase da economia mundial, aumentam seu poder e influência sobre os governos nacionais, principalmente sobre aqueles que, endividados e com grandes déficits operacionais, perderam sua capacidade de ação no sentido de propiciar a todos os cidadãos as condições mínimas para uma vida digna.⁹⁶ O neoliberalismo económico torna-se dominante no Brasil e no Mundo e medidas como a abertura comercial, o fim do protecionismo, a privatização, a integração sem restrições das economias nacionais na economia global e a retirada do Estado como agente regulador da economia, passam a ser vistos como a salvação dos países pobres, como a única saída perante a força do fenómeno da globalização, desprezando-se uma reflexão sobre o processo histórico que determinou as grandes disparidades económicas a nível mundial e a busca de caminhos alternativos para um desenvolvimento sem excluídos.

A rápida redução das tarifas de importação, nos anos 90, no

⁹⁴ LIPIETZ, A; LEBORGNE, D. “O pós-fordismo e seu espaço”. In: *Revista Espaço e Debates*. São Paulo : NERU, nº 25, 1988. p. 12-29.

⁹⁵ SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico Científico Informativo*. São Paulo : Hucitec, 1994. p 121-35.

⁹⁶ RATTNER, H. Globalização e projeto nacional. In: *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo : Hucitec-Anpur, 1994. p. 102-7.

Brasil, forçou a inserção de vários setores industriais nacionais, ainda não preparados, para uma concorrência acirrada com grandes conglomerados transnacionais. O resultado dessa apressada integração está sendo uma redução dos empregos industriais, uma desnacionalização de empresas consideradas de excelência e a inviabilização de alguns ramos industriais no país. A palavra de ordem que se impõe às empresas é a busca da competitividade, da excelência da gestão à excelência dos serviços e produtos. O padrão são as grandes corporações que possuem mais facilidades de acesso às novas tecnologias, de domínio das novas técnicas e conteúdos organizacionais e capacidade de operar com escalas crescentes de produção, além do domínio da possibilidade técnica de localizar suas unidades produtivas nos lugares mais rentáveis dentro do Sistema Mundo, graças aos avançados sistemas de comunicação e de informática.

O impacto desse processo de globalização, no interior da Formação Sócio-Espacial brasileira, vai ser diferenciado segundo o setor da atividade econômica e também, segundo a escala espacial da análise. Para Milton Santos, os territórios locais e nacionais exercem um papel ativo perante as forças da mundialização. O autor citado vai atualizar a noção de território, mostrando que eles são formados da interação de um sistema de objetos, composto de formas construídas na atualidade e em épocas passadas, e um sistema de ações, que se viabilizam no uso dos objetos, sistema de ações esse que incorpora as relações entre a sociedade local e a sociedade global. Esse processo é contraditório, pois a lógica do capitalismo, na era da globalização, é transformar todo o mundo, num espaço funcional para a sua reprodução ampliada. Pode-se verificar essas relações na seguinte citação: “Assim, regulação e tensão se tornam indissociáveis em cada lugar. Quanto mais a globalização se aprofunda, impondo regulações verticais novas a regulações horizontais preexistentes, tanto mais forte é a tensão entre a globalidade e a localidade, entre o mundo e o lugar. Mas, quanto mais o mundo se afirma no lugar, tanto mais este último se torna único”.⁹⁷

Todo esse processo de mundialização da economia desencadeia

uma reestruturação espacial da indústria no interior do território brasileiro. Os novos modelos tecnológicos determinam, para alguns setores industriais, localizações mais vantajosas, além de tornar inviável a fabricação, em massa, de certos produtos nas antigas regiões industriais. De acordo com Benko: “A dinâmica dos novos espaços econômicos fundou-se em três elementos maiores: a indústria de alta tecnologia (criando novos ramos e novos produtos), os serviços aos produtores (em crescimento considerável, localizados essencialmente nos espaços metropolitanos) e as atividades artesanais, assim como os PME (pensem na renovação espetacular dos distritos industriais marshallianos e na Terceira Itália).”⁹⁸

No caso brasileiro, as forças que mantêm a concentração espacial da indústria, na Grande São Paulo, ainda são atuantes, mas a tendência, a partir de 1970, é claramente a queda da participação relativa de São Paulo, no total da produção industrial do país. Em 1970, o Estado de São Paulo detinha 58,2% da produção e 48,0% do pessoal ocupado; em 1980, caiu para 51,9% da produção e 45,7% do emprego e, em 1985, para 48,3% da produção e 38,2% do pessoal ocupado. No mesmo período, Estados como Paraná, Minas Gerais, Bahia e Santa Catarina, aumentaram sua participação.⁹⁹

Dentro do Estado de São Paulo, percebe-se um processo de interiorização da indústria paulista a partir da metrópole, que ocorre ao longo de quatro eixos viários. O primeiro, composto pelo sistema Anchieta - Imigrantes, que liga a metrópole à região industrial da Baixada Santista; o segundo, pela via Dutra que faz a ligação com as cidades industriais do Vale do Paraíba paulista; em seguida, pelas vias Bandeirantes, Anhanguera, Washington Luís, que dirigiram a expansão para Campinas, Ribeirão Preto,

⁹⁷ SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo* : Globalização e Meio Técnico Científico Informacional. São Paulo : Hucitec, 1994. p. 56.

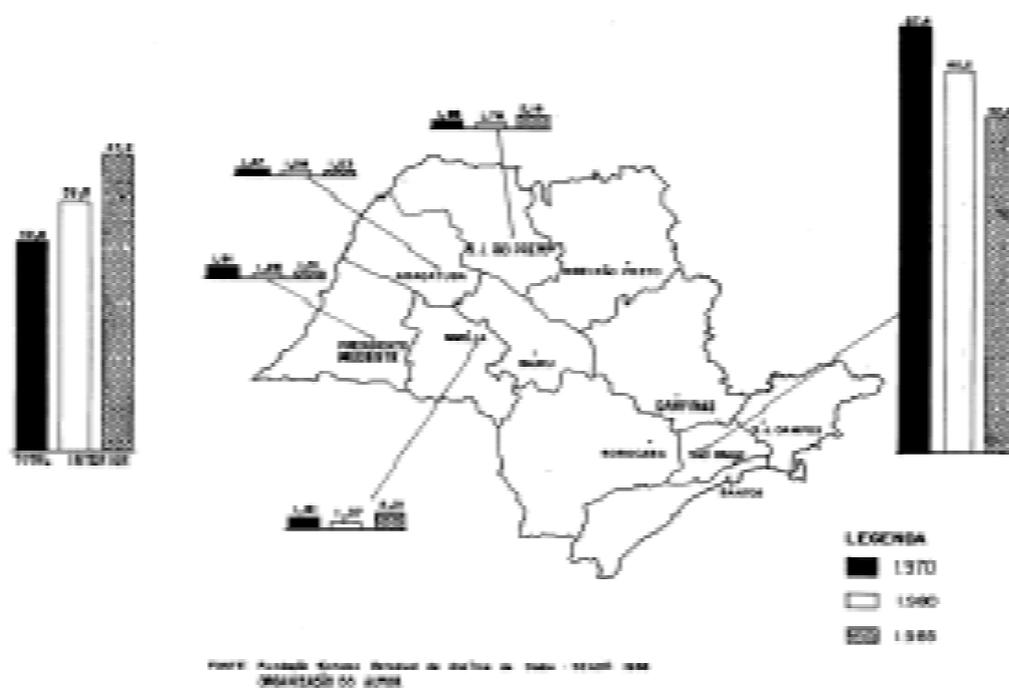
⁹⁸ BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI*. São Paulo : Hucitec, 1996. p.13.

⁹⁹ AZZONI, Carlos R. *O novo endereço da indústria paulista*. São Paulo : IPE-USP, 1988. p.101-03.

Araraquara e outras cidades próximas; e, finalmente, a via Castelo Branco que orientou a industrialização na direção de Sorocaba.¹⁰⁰ A região Oeste do Estado teve uma inserção pouco significativa nesse processo, recebendo poucas plantas industriais que se desconcentraram de São Paulo.

Mesmo não alcançada pela dispersão da indústria no espaço paulista, ou seja, não sendo atingida por aquilo que alguns autores denominam macro-metrópole, a indústria localizada no Oeste retomou seu crescimento na década de 80, principalmente nas regiões de São José do Rio Preto e Marília, com as regiões de Araçatuba e Presidente Prudente, apresentando um crescimento mais lento do ponto de vista industrial, como mostra a Figura 1. A explicação para esse fato deve ser buscada na força da pequena produção mercantil nas regiões de São José do Rio Preto e Marília, expressa na pequena propriedade policultora, no pequeno artesanato e no pequeno comércio forte, que originou uma burguesia industrial local, produzindo para um sólido mercado popular.

FIGURA 1 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (DESEDE SÃO PAULO - INTERIOR E REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO OESTE).



¹⁰⁰ Idem, Op.cit.,p.105.

Encontra-se aqui um interessante ponto de contato entre a nossa realidade local e as alterações que estão ocorrendo em escala mundial, com o declínio do modelo fordista de produção industrial e a ascensão dos métodos de produção flexíveis. Esses últimos parecem reabilitar as pequenas e médias empresas, principalmente aquelas que se mostrem eficientes e ágeis para se adequarem aos mercados competitivos atuais e às parcerias com as grandes empresas. Esse processo vai favorecer a formação de centros especializados na fabricação de alguns produtos, como se pode verificar em Marília, que se tornou a maior fabricante brasileira de biscoitos e doces fora da cidade de São Paulo e a maior produtora de esquadrias metálicas do Brasil. Paradoxalmente, a indústria atual de Marília insere-se em etapas antigas da substituição de importações do Brasil: alimentos e material de construção.

A DINÂMICA INDUSTRIAL EM MARÍLIA¹⁰¹

A cidade surgiu na década de 20, na transição da economia agro-exportadora do café para a economia industrial. As indústrias que vão instalar-se no “oeste paulista”, principalmente após 1930, terão forte ligação com a produção agrícola regional, sendo empresas pertencentes a grandes grupos nacionais e estrangeiros, que atuam no beneficiamento e transformação do algodão. Marília torna-se, na década de 40, por causa desta especialização, numa das principais cidades industriais do Estado de São Paulo. Junto com esse núcleo de empresas, de grande porte, ligado a capitais de fora, surge um núcleo de pequenas unidades artesanais de alimentos, móveis, sapatos, implementos agrícolas, produzindo para o mercado local. A partir da década de 50, a região começa a perder as indústrias ligadas à transformação da matéria prima local, mas

¹⁰¹ Essa parte do texto baseia-se em MOURÃO, no qual podem ser encontrados maiores detalhes e uma ampla bibliografia sobre a gênese e evolução das atividades industriais em Marília.

MOURÃO, P. F. *A industrialização do Oeste Paulista*. (Dissertação de Mestrado). Presidente Prudente: UNESP, 1994, capítulo 3.

assiste ao crescimento daquele núcleo inicial de pequenas empresas, principalmente as do ramo de alimentos, bebidas e implementos agrícolas. O desenvolvimento prévio de uma base produtiva local, da rede urbana regional, associadas com a relativa distância da capital, permite que os pequenos negócios, geralmente de imigrantes, em ramos que exigem pequeno investimento inicial, conquistem o mercado regional.

Esse tipo de industrialização baseado em capitais locais continua até a década de 90, quando se percebe a existência, na cidade e região, de algumas empresas que apresentam um grande crescimento na produção de alimentos (biscoitos, massas e doces), esquadrias metálicas e máquinas agrícolas (pulverizadores), produtos com forte inserção no mercado nacional. O ramo de alimentos atrai corporações transnacionais, que adquirem duas das maiores empresas locais: a Ailiram, comprada pela Nestlé, e a Raineri (massas), pela Ádria/Quaker.

Pode-se levantar dois pontos que são fundamentais para o crescimento destas empresas: a flexibilidade que apresentam em diversificar seus produtos, para atender às solicitações do mercado, principalmente nos períodos de crise, e a utilização de uma correta estratégia de vendas que possibilita a conquista de mercados regional e nacional.

A estratégia de vendas está ligada na maioria dos casos, à montagem de uma estrutura própria de distribuição, com equipes de vendedores ligados à fábrica, evitando, ao máximo, trabalhar com atacadistas ou intermediários, preocupação que se mantém nos dias atuais nas empresas locais.

Um tipo de flexibilidade na produção já pode ser encontrada nas pequenas oficinas, que, artesanalmente, consertam e produzem implementos agrícolas, existentes na região durante as fases do café, do algodão e do amendoim. Algumas dessas pequenas oficinas, geralmente de imigrantes japoneses, tornam indústrias produtoras de máquinas e implementos agrícolas até a década de 70. Desde o início, essas firmas demonstram grande capacidade de se adaptar às exigências do mercado agrícola, sempre lançando produtos novos que significam um avanço tecnológico. Essas

empresas, nos anos 70 e 80, vêm acompanhando o processo de urbanização brasileiro, diversificando suas linhas de produtos para fugir das crises do setor agrícola. Como exemplo, tem-se a Sasazaki, que se torna a maior produtora de esquadrias metálicas do Brasil, a Ikeda e Filhos que, além do arado de aiveca, produz churrasqueiras motorizadas e caixas de som de alta definição, e a Jacto, maior fabricante mundial de pulverizadores, que, também produz máquinas agrícolas, carrinhos elétricos, utilidades domésticas de plástico, aparelhos para ginástica e coletores de energia solar.

Para Storper¹⁰², os sistemas flexíveis de produção podem ser caracterizados pelo desenvolvimento de duas capacidades por parte da empresa: a de alterar rapidamente um processo de produção e o seu produto, substituindo-o por outro (flexibilidade dinâmica) e a de ajustar as escalas de produção, para cima ou para baixo, num certo período de tempo, sem qualquer prejuízo nos índices de eficiência (flexibilidade estática). No interior da empresa, pode-se obter a flexibilidade com o uso de equipamento e maquinaria reprogramáveis e por intermédio de processos de trabalho artesanais, o que exige a formação de um trabalhador polivalente. Nas relações entre empresas, o principal recurso para a obtenção da flexibilidade é a fragmentação organizacional do processo de produção, criando uma profunda divisão social do trabalho entre as empresas. A subcontratação é, geralmente, a forma principal assumida por essa divisão do trabalho, de tal forma que o sistema de produção se transforma numa cadeia produtiva. A flexibilidade assume, também, a forma de alterações na jornada de trabalho e na legislação trabalhista.

A globalização do sistema técnico tem permitido às principais indústrias alimentícias de Marília, aquelas que possuem disponibilidade de capital para investimento, o acesso a máquinas e tecnologia modernas, obtidas, principalmente, em feiras internacionais no exterior. Esse fato, aliado a um bom esquema

¹⁰² STORPER, M. A. A industrialização e a questão regional no Terceiro Mundo. In: VALLADARES, L.; PRETECEILLE, E. (org.). *Reestruturação Urbana*. São Paulo : Nobel, 1990.

de vendas e distribuição, já previamente montado, tem permitido competição com os grandes grupos desse ramo. É evidente que procuram atingir um mercado diferenciado, geralmente mais popular. Como exemplo desse fato, pode-se citar a indústria de biscoitos Xereta, que lançou uma linha de cereais matinais, um mercado em que estão a Kellog's e recentemente a Nestlé. Seu produto é mais barato, pois usa embalagem mais simples e eliminou o atacadista, vendendo direto, principalmente em pequenos supermercados e mercearias. A indústria de biscoitos Marilan, que cresceu tendo como base um mercado de baixa renda (concentra parte significativa de suas vendas no Nordeste), recentemente sofisticou suas linhas de biscoitos, reformulou as embalagens e automatizou toda a fábrica, voltando-se para um público de maior poder aquisitivo, estando entre as cinco maiores fábricas do país. A empresa se utiliza de um moderno sistema de vendas e de recebimento de pedidos, que garantem uma agilidade na entrega, superior à dos concorrentes de maior porte.

Existem empresas que cresceram como subcontratadas de grupos de fora, como a indústria de confeitos de amendoim Dingo, que durante mais de cinco anos fabricou toda a linha de confeitos de amendoim vendidos pela Elma-Chips. A empresa teve um crescimento muito rápido. Porém, quando o contrato com a multinacional acaba, a empresa entra em dificuldades, mostrando que essa cadeia produtiva é bastante insegura para as empresas que não estão no seu topo.

Nas grandes empresas de capital de fora, instaladas na cidade, que possuem múltiplas filiais, ocorre uma redistribuição das tarefas entre as unidades, podendo esse processo implicar em: a) fechamento das fábricas mais antigas, de menor produtividade no grupo, como fizeram a Antártica, a Ceval e a Ádria, que fecharam suas unidades produtivas em Marília; b) transferência de funções entre as filiais, como na Nestlé que traz linhas de biscoitos da marca São Luiz para serem fabricados em Marília e transfere a produção de balas para outras unidades; c) reaproveitamento na Ádria de Marília, de máquinas consideradas antigas para a fábrica de São Paulo, num momento anterior ao fechamento.

A grande maioria das firmas industriais cadastradas na cidade - mais de 400 - atuam em nichos de mercados locais e regionais, que não têm interessado às grandes empresas, devido, principalmente, ao fato de serem mercados compostos por populações de baixo poder aquisitivo, que consomem produtos fora dos padrões modernos de qualidade e de embalagens. Essas empresas não são e, provavelmente, não possuem condições para se tornarem globais, mas algumas especificidades da Formação Sócio-Espacial brasileira, como as grandes distâncias e as dificuldades nos transportes estão garantindo até o estágio atual da globalização, a sua reprodução. Milton Santos já apontou essa realidade quando escreveu que: “...num país onde há grandes disparidades espaciais devidas a diferenças de densidades demográficas, econômicas e da rede de transportes, largas porções do território não sendo rentavelmente utilizáveis (para fins de distribuição) pelas maiores firmas, sua respectiva distribuição se faz por firmas menores”.¹⁰³

No mesmo espaço urbano existem algumas poucas empresas (por volta de 15) de capitais locais ou de fora, que durante a década de 80 consolidaram suas posições no mercado nacional e incorporaram alguns itens das novas tecnologias e métodos organizacionais e desenvolvem planos para incrementar suas exportações, principalmente para o Mercosul. A questão é saber até quando vão continuar como empresas familiares e locais, resistindo à investida dos grandes grupos transnacionais, principalmente as dedicadas à produção de alimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZZONI, Carlos R. *O novo endereço da indústria paulista*. São Paulo : IPE/USP, 1988.
- BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI*. São Paulo : Hucitec, 1996.
- LIPIETZ, A; LEBORGNE, D. “O pós-fordismo e seu espaço”. In: *Revista*

¹⁰³ SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo : Nobel, 1992. p. 63

- Espaço e debates*. São Paulo : NERU, 25, 1988. p.12-29.
- LIPIETZ, A. *Miragens e Milagres: Problemas da industrialização no Terceiro Mundo*. São Paulo : Nobel, 1988.
- MAMIGONIAN, Armen. “Teorias sobre a industrialização brasileira e latino americana”. In: *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*. São Paulo-Rio de Janeiro : Hucitec, 1995.
- RANGEL, Ignácio. *Economia, milagre e antimilagre*. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.
- RATTNER, Henrique. “Globalização e projeto nacional”. In: *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo : Hucitec-Anpur, 1994.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo : Nobel, 1992.
- _____. ”Sociedade e Espaço: A Formação Social como teoria e como método”. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo : AGB, jun/1977. n. 54.
- _____. *Técnica, Espaço, Tempo*. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo : Hucitec, 1994.
- STORPER, M. A. “A industrialização e a questão regional no Terceiro Mundo”. In: VALLADARES, Lícia; PRETECEILLE, Edmond (org.). *Reestruturação Urbana*. São Paulo : Nobel, 1990.

